

Sala Branca mostra a perda da inocência

PÁGINA 13



Restaurantes para celebrar o Dia do Vegetarianismo

PÁGINA 16



Dira Paes faz tudo e mais um pouco em Pasárgada

PÁGINAS 10 E 11



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Enquanto em Cannes tudo subiu - da passagem do ônibus à casquinha de sorvete com sabor de chiclete - e em Berlim as barracas de salsichão salgam o custo do chucrute, San Sebastián segue com pechinchas na comida (os pintxos, seus acepipes feitos de crustáceos, queijos e presunto) e no transporte público. Isso facilita a visita de turistas para prestigiar seu festival anual. Criada em 1953, a maratona cinematográfica de Donostia (nome da cidade espanhola em basco) fez de sua 72ª edição, que termina amanhã, um estudo sobre a finitude. Múltiplas longas-metragens retratavam o luto. Por todas as suas seções, a se destacar a competição oficial pela Concha de Ouro, a Morte rondou as telas, como tema central de achados como “Le Dernier Souffle”, uma aula de roteiro do papa do thriller político, Costa-Gavras.

Aos 91 anos, ele assinou o momento mais lírico da corrida aos troféus principais do evento com a saga de um médico (Kad Merad) e um escritor (Denis Podalydés) que colhem relatos de doentes terminais às vésperas de partir. Charlotte Rampling vive uma das pessoas que se encontram a caminho de desencarnar, momento que o artesão franco-grego chama de “futuro”. Tão forte (e belo)



Le Dernier Souffle marca a volta de Costa-Gavras à direção abrindo um debate filosófico

Cerimônia do adeus

Competição pela Concha de Ouro em San Sebastián chega ao fim neste sábado

quanto esse relato do diretor de “Z” (1969) foi a Comédia Humana dirigida pelo octogenário Mike Leigh, da Inglaterra, de olho na rotina de uma família suburbana (e seus satélites afetivos) cuja liderança feminina cabe a uma mulher irascível, zangada, sem papas na língua, mas apaixonante: Pansy. Nenhum personagem brilhou mais nas telonas do Kur-

saal e do Principal (salas de exibição mais volumosas de San Sebastián) do que essa figura vivida por Mariane Jean-Baptiste em “Hard Truths”. Dos 16 competidores, o novo longa de Leigh (ganhador da Palma de Ouro de 1996 com “Segredos e Mentiras”, também com Mariane) foi o que mais teve aplauso. Virou o xodó local.

Não se sabe se toda a badalação em torno de Leigh e de Costa-Gavras vai comover o júri, cuja presidência ficou a cargo da diretora basca Jaione Camborda (vencedora da edição passada com “O Corno do Centeio”). Seu time de juradas/os reúne a jornalista e escritora argentina Leila Guerriero, o ator e diretor americano Fran Kranz, a produtora francesa Carole Scotta e os cineastas Christos Nikou (da Grécia) e Ulrich Seidl (da Áustria).

Continua nas páginas 2 a 7

CORREIO CULTURAL

Brunu Marchetti



Show volta aos palcos trazendo novidades

Varieté dos Amantes no Teatro Café Pequeno, no Leblon

Depois de conquistar uma recepção calorosa do público, o espetáculo de cabaré “Varieté dos Amantes”, dirigido por João Vitor Linhares, estará em cena mais uma vez. Nascido no dia do Orgulho LGBTQIAPN+, o show de variedades aborda a temática amorosa e conta com uma dramaturgia que une diferentes crenças e cultu-

ras. Em uma mistura de teatro, dança, música e artes visuais, o espetáculo transporta o público para um universo lúdico e colorido, onde o amor é reverenciado. Nos dias 27, 28 e 29, o Teatro Café Pequeno, no Leblon, abre as portas para três noites com os talentosos multiartistas, a partir das 19h (sexta e sábado) e 18h (domingo).

Multicultura

Na estreia do projeto Espirais Transfluentes, os espetáculos Cabeça de Nego e Noite do Sorriso Negro se unem em uma celebração ao corpo negro brincante e suas potências, no Ylê Asé Egi Omim, no coração de Santa Teresa.

Projeto

A Cia de Artes E.M. Criação, em parceria com o Museu da Maré, promovem o projeto sociocultural Entre Lugares Maré, que visa a formação e capacitação na área artística e cultural aos moradores da Maré, com curso gratuito de teatro.

Infantil

Com apresentações que combinam teatro, música, reflexão e festa, o evento acontece de 27 a 29 de setembro. No dia 27, em celebração ao Dia de São Cosme e São Damião, junto com as oficinas, haverá distribuição de guloseimas para crianças.

Maré

O grupo se apresentará no Museu da Maré, dia 28 de setembro, às 17h. O curso, que acontece todas às segundas e quartas, está com inscrições abertas para novas turmas exclusivas para jovens adultos, PCD'S e Neurodivergentes, no Museu da Maré.



SSIFF

A casmurra Pansy, ao centro, vivida por Mariane Jean-Baptiste, em *Hard Truths*, arrebatou ovação

Destaque para os veteranos

Mike Leigh e Costa-Gavras



lar como a Pansy de “Hard Truths”, Isabelle é a mais cotada na categoria Melhor Coadjuvante – lembrando que o festival ibérico não faz distinção de gênero nessa frente, sem de dividir em “atriz” e “ator”. Há um título argentino com firmes chances de vitória: “El Hombre Que Amaba Los Platos Voladores”, de Diego Lerman. Sua dramaturgia pode ser coroada por Jaione & cia, assim como o carismático trabalho do astro portenho Leonardo Sbaraglia. Ele revive a cruzada do repórter José de Zer (1941-1997) em busca de óvnis em Córdoba, no limite da fake news.

Entre as alternativas mais sólidas para as laúreas a serem atribuídas destaca-se o devastador “Conclave”, do germânico Edward Berger (o mesmo de “Nada De Novo No Front”) cotadíssimo para o Oscar. Ralph Fiennes tem uma atuação colossal como o cardeal que coordena a escolha do novo papa, num Vaticano ameaçado por atentados terroristas, após o pontífice anterior perecer (ó a Indesejada das Gentes aí). Isabelle Rossellini tem “O” desempenho de sua carreira nesse longa sob o hábito de uma freira geniosa. Se Mariane Jean-Baptiste é a todo-poderosa favorita ao prêmio de Melhor Interpretação Titu-

Para o troféu de Melhor Direção, saltam nos bolsões de apostas os nomes da espanhola Pilar Palomero, por “Los Destellos” (outra narrativa sobre morte anunciada), e da chilena Maite Alberdi, por “El Lugar De La Otra”, um tratado sobre sororidade. Há de sobrar algum prêmio para o campeão de bilheteria François Ozon e seu “Quand Vient L’Automne” (sobre uma prostituta aposentada) e algum mimo para o .doc “Tardes de Soledad”, do catelão Albert Serra, que deslinda as controvérsias das touradas.

Em seus momentos de despedida, San Sebastián recebe o documentário brasileiro “Apocalypse nos Trópicos”, de Petra Costa (“Elena”) sobre o rastro do fundamentalismo evangélico nos recentes avanços do conservadorismo no Planalto e fora dele. O Brasil de Petra, uma terra que repudia a intolerância, é o mesmo Brasil que emplacou “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, na mostra Perlak de Donostia, abraçando-o como seu representante oficial para brigar por uma vaga na corrida ao Oscar de 2025. Suas projeções em colo basco foram consagradoras, em parte graças aos desempenhos de Fernanda Torres e de Selton Mello na trama baseada em um romance homônimo de Marcelo Rubens Paiva. No 7 de Setembro, o drama ambientado em 1971, em 1996 e em 2014 (entre saltos temporais elegantemente editados por Affonso Gonçalves) foi agraciado com a laúrea de Melhor Roteiro no Festival de Veneza. Produzido por Maria Carlota Bruno (“No Intenso Agora”) e Rodrigo Teixeira (“A Vida Invisível” e “O Farol”), esse drama marca a volta de Salles à ficção 12 anos depois de “On The Road” (“Na Estrada”). No epicentro da dramaturgia há uma família, os Paiva: Rubens (Selton Mello), Eunice (Fernanda Torres), filhas e filho (no caso, o jovem Marcelo, que viria a escrever o cult “Feliz Ano Velho”). Destaca-se, a participação de Carla Ribas no papel de uma professora vítima de brutalidade dos agentes de farda verde oliva.

Agora é torcer para o êxito de WS em Hollywood e esperar pelas decisões de Jaione Camborda acerca do melhor de Donostia. Que venham as Conchas.

Concha brasileira hoje está na Disneylândia

Único longa-metragem brasileiro a conquistar o prêmio máximo do festival espanhol, o thriller ‘Pacificado’ hoje está no streaming de Mickey Mouse

Por **Rodrigo Fonseca**

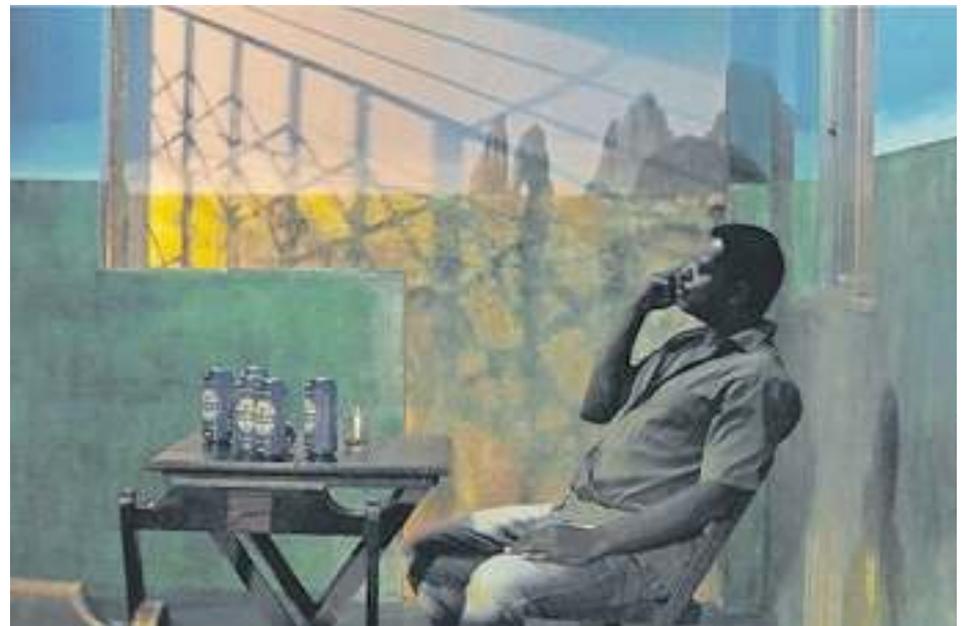
Especial para o Correio da Manhã

De maneira orgânica, quase casual, a câmera da diretora de fotografia Laura Merians sempre fita olhares em “Pacificado”, desde os planos iniciais do Morro dos Prazeres, sempre medindo a investigação geopolítica do realizador Paxton Winters. Seu obturador abre e fecha à luz das periferias cariocas como se buscasse medir a dimen-



Jogos Olímpicos. O primeiro olhar que grita em cena é o de Léa Garcia, como Dona Preta, ou só Vó, a fiel Vó de Jaca, apelido do protagonista, uma espécie de samurai da favela, um ex-líder do tráfico, “bicho solto”, de quem só sobrou uma sombra, qual o “Kagemusha”, que rendeu a Palma de Ouro a Akira Kurosawa. Dona Preta é também bisca de Tati, personagem de Cássia Gil, menina que desenha essa história emotiva de reeducação dos quereres laureada com a Concha de Ouro no Festival de San Sebastián, na Espanha, em 2019. Jaca rendeu a láurea de Melhor Ator a Bukassa Kabengele e Laura ainda papou um troféu por seu arranjo fotográfico. Passaram-se cinco anos dessa consagração e, hoje, esse

são trágica do Rio de Janeiro de 2016 – data que se sobressai na narrativa por indícios espaciais. À frente de suas lentes, aparece o desmanche da estrutura montada para os



Bukassa Kabengele ganhou o prêmio de Melhor Ator em Donostia em 2019

filmaço – que teve o diretor americano Darren Aronofsky, de “A Baleia”, entre seus produtores – pode ser visto na grade da Disney+. É um pedida e tanto para quem curtir as plataformas digitais neste fim de semana.

Esse arranjo flagra o olhar de maré branda de Tati, que logo se faz molhar... marejando sonhos despedaçados por toda a sorte de demanda e de agressões de sua mãe, Andréa (Débora Nascimento, em um desempenho avassalador). Esta também esbugalha a pólvora que reside em sua retina... retinas dilatadas por carreiras e mais carreiras de pó e pela esperança vã de ter um lote de terra à sua espera em São Paulo. Andréa é um

corpo que definha... corpo desejado por muitos personagens mas que, já nos momentos iniciais do filme, revela um terço digno de Capitu... na ressaca de um determinismo que Winters estuda quadro após quadro. Esse organismo que entra em entropia em cena dimensiona a grandeza de sua intérprete.

O que vemos em “Pacificado” é o processo de redesenho da família de Tati depois que Jaca, o pai com quem nunca conviveu sai do cárcere disposto a mudar de vida. Mas mudanças custam caro para os trabalhadores do pó no RJ. Mas o preço a se pagar pela reinvenção justifica todo e qualquer calvário. É o que acompanhamos neste thriller caudaloso, que é um hino de amor aos Prazeres, cujos moradores delinearam a trama para Paxton.

Surpresa de Fincher

Quebra-se o pau em rodinhas cinéfilas faz tempo acerca do potencial coeficiente artístico das adaptações de HQs para o cinema, transformadas no principal veio de sustentação da indústria audiovisual para tela grande desde a estreia de “Homem de Ferro” (2008), com Robert Downey Jr. Uns cospem pra cima, a rejeitar o valor de filmes como “Marvels”, enquanto outros defendem as complexidades narrativas de longas como “Coringa”, ganhador do Leão de Ouro de 2019. Martin Scorsese esgarçou esse conflito ao dar um peteleco na hegemonia das transposições de comics sobre o cinemão. Agravou-se a peleja quando a Warner Bros. optou por engavetar “Batgirl” sem dar bola para a expectativa de fãs da super-heroína. Uma dose extra de gasolina tem ampliado essa fogueira – de vaidades e de puro pre-

conceito contra as artes gráficas – com a presença de “O Assassino” (“The Killer”), de David Fincher, na grade da Netflix. Foi o último longa a ser anexado a San Sebastián em 2023 e passou por lá com a pecha de “filme surpresa”. Até hoje comenta-se a força de sua projeção em telas bascas, onde as BDs são objeto de adoração.

BD, ou Banda Desenhada, é o nome que se usa no Velho Mundo pra definir álbuns gráficos em quadrinhos, de luxo, em capa dura, que optam por narrativas de gênero (fantasia, sci-fi, faroeste) ou por aulas de História (cheias de poesia) mas trilham caminhos que fogem do maniqueísmo. Nos EUA, quem dá as cartas nesse mercado é a Marvel e a DC. Mas, na França, quem gira a roda são tramas adultas, calcadas em temas políticos, que dissecam mitos, biografam



Michael Fassbender interpreta o matador de aluguel do cult de Fincher

artistas e tornam a palavra “herói” algo elástico. É o caso do quadrinho adaptado por Fincher, realizador que tem “Se7en” (1995) como um dos marcos de seu currículo. A argamassa de seu novo longa é a BD “Le

Tueur”, uma série de tramas policiais quadrinizadas pela dupla Matz (roteiros) e Luc Jacamon (desenhos), que foi publicada em terras europeias pela editora Casterman, a partir de 1998, na coleção Ligne Rouge. Trata-se da saga de um matador cheio de tormentos, alienado da culpa a partir do senso de perfeccionismo radical que move seu gatilho. Michael Fassbender assume o papel e nos desbunda com seu esplendor ao escavar angústias nos personagens que encampa.

Indicado ao Leão de Ouro, “O Assassino” acompanha a luta do verdugo de aluguel encarnado por Fassbender a fim de sobreviver depois de um erro cometido numa execução. Amores dele (Sophie Charlotte encarna o mais relevante) correm perigo, enquanto ele tenta se resguardar de seus patrões. Cada gesto dele é embalado num oceano de palavras, pois embarcamos em seu drama pela dimensão da palavra. Dimensão à qual Fincher dá vertigem. (R.F.)

ENTREVISTA / ASTRID RONDERO, CINEASTA

'Somos frutos das políticas públicas'

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

É impossível não pensar em "Cidade de Deus" (2002) diante das tomadas de um realismo cru que transformam o thriller social "Sujo", de Astrid Rondero e Fernanda Valadez, num ímã de prêmios, em prol do México, por onde passa desde janeiro, quando abocanhou o World Dramatic Award do Festival de Sundance. Neste sábado, o longa-metragem que pode levar o cinema mexicano ao Oscar (como representante oficial da pátria de "Chaves" aos votantes da Academia de Hollywood), tem tudo para ganhar o prêmio Horizontes Latinos de San Sebastián. Seu título é um nome de uma criança que é deixada órfã, aos 4 anos, depois do assassinato de seu pai, um matador a serviço dos carteis. Ao longo de uma narrativa frenética, vemos as idas e vindas do garoto (vivido por Juan Jesús Varela) pelas "quebradas" de um mundaréu cheio de tiroteios. É uma radiografia dos males do narcotráfico.

Num papo com o Correio da Manhã, em San Sebastián, Astrid, conhecida por "Los Días Más Oscuros de Nosotras"

(2017), traça um olhar geopolítico sobre a Pangeia de colonização espanhola.

Embora a essência de "Sujo" seja uma

Direção na mostra Encontros da Berlinale, em fevereiro, Em agosto, conquistou o Kikito de Melhor Atriz, em Gramado, dado ao desempenho arrebatador de Fernanda Vianna. Além do vigor de sua estrutura formal, a produção se destaca pelo modo como celebra a força feminina e como enfrenta tabus recorrentes na representação do amor queer. Seu roteiro se divide em dois hemisférios: num, uma agricultora que perdeu tudo na tragédia de Brumadinho se muda para a metrópole; noutro, um casal de namoradas vai tentar a sorte num sítio isolado. (R.F.)



A diretora mexicana Astrid Rondero, de Sujo



Encontro com o Brasil

Um dos principais rivais de "Sujo" na disputa pelo prêmio Horizontes Latinos de San Sebastián vem de São Paulo: "Cidade; Campo", de Juliana Rojas. Sua narrativa foi coroada com o prêmio de Melhor

Stallone, pela dose farta de adrenalina e o requinte dos enquadramentos. Como essas sequências foram idealizadas?

Astrid Rondero - Gosto de "O Mensageiro do Diabo", de Charles Laughton, que foi uma das referências nas quais pensamos para a construção de um espírito de thriller. Era necessário um clima de tensão, em meio a um contexto social, em que algo de perigoso possa acontecer a cada instante. O apelo maior do cinema de ficção nesse registro é que ele consegue entreter ao mesmo tempo que abre debates.

De que México "Sujo" fala?

Astrid Rondero - Nós filmamos um México de discriminação, onde há uma realidade segura, de um lado, e uma realidade de ausência do estado do outro.

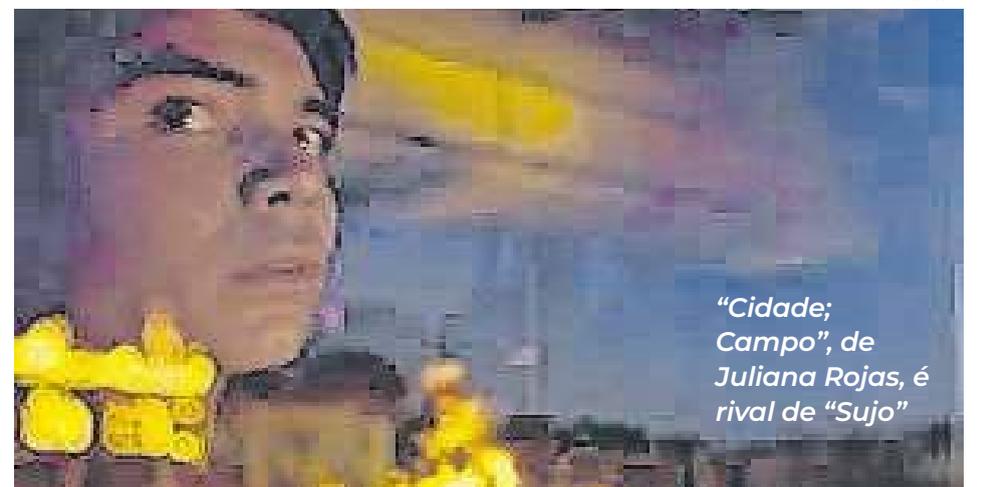
Desde Sundance, você e Fernanda Valadez têm sido citadas como parte de uma forte geração de mulheres cineastas das Américas. Como tem sido essa representatividade feminina no México?

Astrid Rondero - Temos uma significativa presença de mulheres na direção em nosso país desde os anos 1930. Matilda Landeta (de "Mulher de Rua") é uma delas. Ações públicas de investimento do nosso governo fez aparecer uma nova geração.

Qual foi o orçamento do filme e como ele se enquadra nas políticas culturais do México hoje?

Astrid Rondero - "Sujo" teve um custo estimado em US\$ 1 milhão e é um resultado de políticas públicas que permitiram o alcance de pessoas de minorias distintas ao audiovisual. Está previsto para estrear em circuito mexicano no dia 5 de dezembro, em 350 ou 400 salas. Já vendemos o filme para 30 países.

reflexão sociológica, há momentos de fazer inveja aos filmes de ação de Hollywood, daqueles estrelados por Sylvester



"Cidade; Campo", de Juliana Rojas, é rival de "Sujo"

SSIFF



**CIRCUITO
SESC
DE CORRIDAS**

UMA CORRIDA E UMA CAMINHADA TAMBÉM COMEÇAM COM UM PASSO.

Participe do Circuito Sesc de Corridas.
As inscrições já estão abertas.

**Corrida
6km**

Percurso de
alta intensidade

**Caminhada
3km**

Percurso
moderado

**ETAPA
NITERÓI
20/10**

Praça Luiz Gomes da Silva
Piratininga, Niterói

Início: 7h
Premiação: 10h

Acesse:
circuitodecorridas.sescrj.org.br

 @sescrj

Voz iraniana que não se cala

Forte candidato ao prêmio de júri popular, Mohammad Rasoulof, refugiado em solo alemão, pode levar ao Oscar seu retrato sobre a intolerância



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ao escolher anualmente um longa-metragem a ser submetido a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, almejando uma vaga na disputa do Oscar, as instituições culturais do Irã precisam passar por um crivo (leia-se “censura”) do governo, que reprova (em geral) tramas avessas às imposturas políticas daquela pátria. O representante deles desta vez é “In the Arms of the Tree”, de Babak Khajepasha, que teve pequeníssima repercussão fora de suas fronteiras. Há um outro longa-metragem, com CEP no Irã, que, este ano, brilhou mais e só faz colher loas e láureas por onde quer que passe. Chama-se “The Seed of The Sacred Fig”, é dirigido por Mohammad Rasoulof e recebeu uma ovação em sua passagem por San Sebastián, na mostra paralela Perlak, da qual pode sair com o mimo do júri popular. Antes de passar pelo vento basco, esse drama com momentos de th-



Intolerâncias políticas e culturais iranianas são o foco do premiado the Seed of the Sacred Fig

iller teve o aplauso do Festival de Locarno, na Suíça. Foi selecionado para projeção na Piazza Grande da maratona cinéfila helvética depois dos múltiplos elogios que arrebatou no Festival de Cannes, em maio. Sua estreia aconteceu lá e foi repleta de vitórias para seu realizador, que se encontra sob condenação estatal em sua pátria, refugiado na Alemanha. Saiu da Croisette com o Prêmio Especial do Júri, o Prêmio do Júri Ecumênico e o Prêmio da Crítica. Diante da boa recepção, os alemães (que coproduziram o roteiro de Rasoulof) não tiveram dúvida e optaram por ele para representar o audiovisual germânico nos Oscars.

Em sua trama, um juiz entra em paranoia

ao se sentir perseguido e começa a se voltar de forma violenta contra suas filhas e sua mulher.

“Venho de uma cultura submetida à tirania, pois o Estado Islâmico é capaz de tudo”, disse Rasoulof em Cannes. “Por que meu governo tem tanto medo das histórias que contamos?”

Ao 52 anos, o realizador, egresso de Xiraz, precisou fugir de sua casa (e sua nação) para conseguir expressar sua voz autoral pelo mundo, tendo seu passaporte confiscado pelas autoridades do Irã, que o considera uma ameaça à integridade nacional.

“Dei instruções à equipe para que terminasse o filme caso eu fosse preso. Quando a sentença de que eu seria detido saiu, fui para

casa e me despedi das minhas plantas, depois dei um jeito de sair”, explicou o diretor, que por já ter sido trancafiado antes conhecia meios não tão legais de escapar, por rotas alternativas que o levaram à Alemanha. “Este é um filme sobre doutrinação, sobre o que acontece quando você deixa alguém, ou alguma ideologia tomar conta de sua mente”, disse o realizador, que ganhou o Urso de Ouro de 2020 com “Não Há Mal Algum”. “Não tenho medo da intimidação”.

Depois de San Sebastián, “The Seed of the Sacred Fig” passa pelo Festival do Rio, que começa no dia 3, com a exibição de “Emilia Pérez”, de Jacques Audiard, no Odeon.

SSIFF



O realizador de Super Happy Forever, o japonês Kohei Igarashi

Sushi com gosto de luto

Recentes investimentos autorais da diretora Naomi Kawase (de “Esplendor”) mantiveram o lirismo romântico bem aquecido no cinema japonês, mas não ao ponto de fervura que seu conterrâneo Kohei Igarashi acalçou com “Super Happy Forever”, destaque de uma das seções paralelas de San Sebastián. É mais um título sobre finitude do evento basco, mas trata o tema sob uma mirada doce, inspirada por love stories clássicas.

“Apesar de o romance ser um gênero um tanto fora de moda hoje, eu tenho apreço por seus códigos”, diz Igarashi, que lança a produção em sua pátria natal hoje. “Passamos antes por Veneza e vamos ainda a festivais na Coreia, nos EUA e no Canadá”.

“Super Happy Forever” se passa num resort onde, um dia, o jovem Sano foi muito feliz com sua finada mulher, Nagi. A nostalgia dessa época já seria motivo suficiente para

ele regressar, mas há um motivo extra: sair em busca de um chapéu que sua companhia perdeu lá”.

“Na sociedade japonesa, não lidamos com a perda de uma forma definitiva, pois há sempre resquícios de quem partiu a sobreviver na memória e no tempo”, diz Igarashi ao Correio. “O colorido do filme lida com contraste, acentuando o azul do mar”. (R.F.)

ENTREVISTA / ISABER HERGUERA, ANIMADORA

'Histórias sobre mulheres estão nascendo de nós, mulheres'



Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Um ano depois de sua passagem pelo Festival de San Sebastián (cidade do norte da Espanha onde nasceu), a diretora Isabel Herguera tem um compromisso marcado com o Brasil: no dia 3, o filme que lhe valeu uma indicação à Concha de Ouro, "El Sueño De La Sultana", terá projeção no Animage, a maratona cinéfila do Recife. Desde a suspensão do Anima Mundi, em 2019, o evento pernambucano se impõe como a mais importante vitrine de animação do Brasil e uma das mais respeitadas de toda a América Latina. Tem produção do mundo todo lá. Suas mostras estarão abertas ao público a partir de terça, dia 1º.

Conhecida pelos curtas "Bajo La Almohada" (2012) e "La Gallina Ciega" (2005), Herguera fez de sua entrada no terreno dos longas-metragens um chamado aos pleitos feministas. "El Sueño De La Sultana" arrebatou os olheiros de streamings e distribuidoras pela força de sua direção de arte. Seu roteiro é derivado de um conto sci-fi indiano de 1905 sobre uma nação utópica chamada Ladyland, onde as mulheres estão no Poder.

Na entrevista a seguir, Isabel fala de sua investigação narrativa ao Correio da Manhã.

Seu sucesso na competição de San Sebastián põe seu nome em relevo na re-



A Isabel Herguera (de óculos) provando os acepipes bascos no festival

SSIFF



Sequência do longa El Sueño De La Sultana, indicado à Concha de Ouro

cente onda de mulheres que estrearam na direção de longas buscando debater a luta pelo empoderamento feminino. Como

esse boom de realizadoras te inspira?

Isabel Herguera - <cstyle>Cresci numa cultura cinematográfica na qual o

ponto de vista hegemônico das narrativas era masculino. Toda a história da Nouvelle Vague, com exceção de Agnès Varda, foi pilotada por homens. O neorealismo é um movimento de homens. Em todos os movimentos que transformaram o cinema, as mulheres eram personagens de histórias que eram narradas por homens. Esse foco agora se expandiu. Nos últimos 20 anos, podemos falar de heroísmo sem falar de John Wayne. Não há mais uma exclusividade para os caubóis. As histórias sobre mulheres estão nascendo de nós, mulheres. Mas é importante dizer que o cenário de trabalho em que debutei, a animação de curtas-metragens, sempre teve lugar para nós. Nos longas, isso está mudando. Estamos chegando.

Como é a realidade da indústria animada espanhola?

Isabel Herguera - Eu sou uma cria do curta-metragem, espaço onde não existe uma cobrança de resultado no orçamento. É um lugar de produção independente, de temas adultos, onde todas as questões podem ser tratadas de modo frontal. Era virgem nas dinâmicas industriais do cinema até pouco tempo.

Como foi a construção de "El Sueño de la Sultana" em sua relação com a tradição gráfica do Velho Mundo

Isabel Herguera - Encontrei o livro que nos inspirou em 2012 e comeci a desenvolver o filme em 2017. Nosso orçamento era mínimo, bem menos do que necessitamos. A produção levou três anos, acontecendo durante a pandemia, em que o modelo de teletrabalho funcionava bem nas práticas processuais da animação, onde as etapas da construção do filme podem ser feitas isoladamente por cada artista. Usei muitas referências da pintura, de quadrinhos e da literatura indiana.

Desde 2019, o maior festival de animação das Américas, o Anima Mundi, está suspenso, por uma falta de verbas inerente à política (anti)cultural de Bolsonaro. Que memórias tem do evento?

Isabel Herguera - Sou amiga de Léa Zagury e de Marcos Magalhães, que integram o núcleo fundador do evento. É uma lástima ele não estar acontecendo. Gerações de talento surgiram do Anima Mundi. Era um festival muito generoso, que verberava mundialmente, e conseguia levar nossos filmes para o Rio, para São Paulo, para Brasília. É um absurdo sua ausência.

SHOW**RIOHARP FESTIVAL**

*Sexta-feira, 27/9, às 12h30, Rafael Deboleto, harpa paraguaia - (Brasil) volta ao palco do Teatro II do CCBB Rio. No Programa: Clássicos latino-americanas.

*Sábado, 28/9, 15h, no Teatro II do CCBB Rio, Orquestra de Ukeleles. Participação especial Victor Freitas, harpa (Brasil).

Programa: Clássicos internacionais.

No mesmo dia, às 18h, no Palácio São Clemente (Rua São Clemente 424 - Botafogo, com 120 lugares), o concerto de Marialy Pacheco, uma estrela contemporânea do piano cubano. Participação especial: Jésus Suarez, harpa (Venezuela). Programa: Músicas internacionais.

*Domingo, 29/9, às 15h, no Teatro II do CCBB Rio, Tambores do Japão. Participação especial Alessandro Aguiar, koto, harpa japonesa (Japão/Brasil) oferecem um recital inovador. No Programa, clássicos japoneses.

*Segunda-feira, dia 30/09, no Teatro II do CCBB Rio, encerramento do XIX RioHarpFestival. 12h30: Allegro Trio de Harpas formado por Ana Miccolis, Isis Figueira Machado e Carmem Sarmet, harpas - (Brasil). No Programa, Clássicos do Cinema.

MAURO DINIZ

*Mauro Diniz presenteia o público com o "Pagode do Mauro Diniz" no Beco do Rato, dia 27 de setembro (sexta-feira), às 22h40min.

ARNALDO BRANDÃO

*"Noite do Prazer", "Totalmente Demais", "O Tempo não Para", "Rádio Blá"... Estas são apenas algumas das pérolas imortalizadas na extensa galeria de hits de Arnaldo Brandão, que celebra 50 anos de carreira em uma noite histórica no Dolores Club, na Lapa, no dia 27 de setembro, sexta-feira, às 20h.

DUO GISBRANCO

*Formado pelas pianistas, compositoras e cantoras Bianca Gismonti e Cláudia Castelo Branco, o Duo Gisbranco voa agora com suas notas musicais e harmonias no tapete mágico da poesia de Chico César. Com músicas dessa parceria que nasceu naturalmente, Gisbranco, o duo presenteia o público com o álbum e DVD digital "Pássaros - Ao Vivo", levando o show, para o Sesc São Gonçalo, dia 27 de setembro (sexta-feira), às 19h.



Rafael Deboleto apresenta a harpa paraguaia na última semana do 19º RioHarpFestival no CCBB

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Duo Gisbranco

DUO BURAJIRU

*A Sala Cecília Meireles, um espaço FUNARJ, apresenta terça-feira, dia 1º de outubro, às 18:30 horas, no Espaço Guiomar Novaes, dentro da série Música de Câmara, o Duo Burajiru, formado pelo violista Fernando Thebaldi e pela pianista Yuka Shimizuo. O programa tem como tema "Homenagens e despedidas". Tributos a artistas brasileiros e japoneses que deixaram suas existências terrenas.

AFRO FUNK BRASIL

*Na próxima sexta-feira, dia 27 de setembro, será a vez do Sesc Madureira receber o show dos cantores e compositores Antonio Carlos & Jocaifi. De agosto a início de outubro, a dupla irá percorrer quatro diferentes palcos do Sesc RJ

Divulgação



Afro Funk Brasil

Divulgação



Luz del fuego - Uma história de vida

Divulgação



Duo Burajiru

com o show Afro Funk Brasil. O título do show faz referência ao EP de mesmo nome lançado em 2023 em parceria com a Orquestra Forte de Copacabana, que participará também em duas apresentações no circuito Sesc RJ. Em todas as apresentações no circuito Sesc RJ, a dupla contará com participações especiais, sempre acompanhada pelo grupo Yemalá, formado por alunos e ex-alunos da Orquestra Forte de Copacabana.

DANÇA

“MANIFESTO DO QUE FICA, QUERO ESSÊNCIA”

*Nos dias 28 e 29 de setembro, às 20h, o Centro Cultural Espaço Tápias recebe “Manifesto do que fica, quero essência”, um espetáculo inédito que junta dança

Divulgação



Manifesto do que fica, quero essência

Raphael Medeiros



Festa Rock-me

e teatro, abordando o universo feminino dentro da sociedade atual por um olhar poético e divertido. Datas e horários - 28 e 29 de setembro - às 20h (sábado e domingo). Ingressos: R\$40,00 (inteira), R\$20,00 (meia-entrada). Local: Centro Cultural Espaço Tápias (Sala Maria Thereza Tápias) - Rua Armando Lombardi, 175- Barra da Tijuca

TEATRO

“LUZ DEL FUEGO - UMA HISTÓRIA DE VIDA”

*Após uma temporada de sucesso, o espetáculo se despede neste final de semana. As últimas apresentações acontecerão de sexta a domingo, às 20h. Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica 63 – Ipanema). Ingresso: Entre

R\$ 40,00 e R\$ 80,00

“RITA & RAUL - NA ALQUIMIA DO ROCK ENROW.”

*Nesse espetáculo performático, com figurinos e cenário, um quinteto de experientes músicos leva o público para uma viagem pelos repertórios incríveis de Rita Lee e Raul Seixas, passando pelas fases de suas carreiras e pelos principais sucessos e temas abordados por ambos, ao longo de suas trajetórias artísticas. Um show repleto de clássicos e muita poesia. Até 27/9, sex (19h30) no Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, Centro). Ingressos R\$ 50 (meia setor B); R\$ 100 (inteira setor B); R\$ 120 (Inteira setor A); R\$ 60 (meia setor B), Funcionários da Petrobras, Assinante O Globo, professor da Rede Pública); R\$ 80 (GiroMetrôRio, Agente MAM, doação de 1kg de alimento)

“MAEL - MEU NOME É ISMAEL IVO”

*Celebrando 10 anos de trajetória, a Cia de Teatro KarmaCírculus encena em parceria com a Cia de Dança Juliana Bezerra, a peça MAEL - Meu Nome é Ismael Ivo, em homenagem ao renomado bailarino e coreógrafo paulista Ismael Ivo. Teatro Firjan Sesi Duque de Caxias (R. Artur Neiva, 100 - Circular). Entrada gratuita. 29 de setembro - 18 horas

FESTA

“ROCK ME”

*É fã do bom e velho rock and roll? Então, prepare-se! No dia 27 de setembro, a partir das 20h, a festa Rock-me! voltará com tudo ao Coordenadas Bar, em Botafogo, e com edição inédita que contará com duas bandas, três Djs e pista com nova iluminação. Para completar, haverá dose dupla de chopp até as 21h! Os ingressos custam a partir de R\$ 40 (primeiro lote) e podem ser adquiridos no site Ingresse.

INFANTIL

OS TRÊS PORQUINHOS, UAI!!!!

*A montagem, escrita por Atílio Bari e dirigida por Henrique Kaladan, propõe uma abordagem leve e divertida do clássico literário, valorizando aspectos identitários tipicamente brasileiros, como a moda de viola caipira. Teatro dos Quatro (Rua Marquês de São Vicente, 52). Sábado e domingo, às 16h, até 27/10. Ingresso – R\$ 90,00

ENTREVISTA / DIRA PAES, DIRETORA DE 'PASÁRGADA'

@peterwery



Dira Paes vive a ornitóloga Irene, enquanto Humberto Carrão é o mateiro Manuel

Dira Paes faz tudo e mais um pouco

Por Pedro Sobreiro

Após anos brilhando em frente às câmeras, Dira Paes estreia nos cinemas um projeto bastante pessoal - e necessário - em que escreve, atual e dirige. Em 'Pasárgada', que estreou nos cinemas brasileiros nesta quinta-feira (26), Dira interpreta Irene, uma ornitóloga de passado obscuro, que vai atrás de um pássaro específico na Mata Atlântica. Por lá, ela vive experiências que vão reconectá-la com sua essência e mudar os rumos de sua vida.

Nascido de uma experiência pessoal da própria Dira Paes, que se isolou nas montanhas do Arraial do Sana, em Macaé, estado do Rio de Janeiro, durante a pandemia, 'Pasárgada' é uma experiência sensorial que marca a estreia de Dira como diretora. Em entrevista ao CORREIO DA MANHÃ, a multitalentosa Dira Paes contou um pouco mais sobre como foi gra-

var esse projeto tão ousado.

COMO FOI VERO O FILME PRONTO NO CINEMA?

Dira Paes - 'Pasárgada' ganhou o prêmio de Melhor Desenho de Som no Festival de Gramado, e foi ali que me senti assistindo o filme pela primeira vez mesmo. Foi uma experiência sensorial, e com aquela plateia lotada, foi uma sensação de ver todo mundo na mesma vibração. E senti também que as pessoas entraram na mata junto com a personagem, com a Irene. Sinto que as pessoas passaram pelo processo de acompanhar o dia a dia dessa ornitóloga, e isso me deu muito prazer. Estou louca para ver de novo com o público, para sentir se o som está de acordo e se essa sensação persiste. Estou muito feliz com esse momento e com a receptividade que o filme vem tendo.

QUAIS SUAS REFERÊNCIAS NA DIREÇÃO?

Dira Paes - Olha, vou ser sincera. Acho que meu trabalho é o acúmulo desses anos todos. Mas como dedico o filme ao John Boorman e ao Walter Lima Jr., meus primeiros diretores - John Boorman meu diretor irlandês, do 'Emerald Forest', e o Walter Lima Jr. do 'Ele, o Boto', meu primeiro filme brasileiro -, em ambos os filmes a gente tem essa situação de mata. E acho que o cinema deles me inspira muito. Então, se eu tivesse que dar uma referência cinematográfica, seria eles. Mas acho que veio de tudo que vivi naquele momento em que escrevi o roteiro. De todas as lembranças, de todas as sensações daquele momento. Eu tive o tempo de observar os pássaros. Essa profissão veio de um tempo que eu nunca havia tido na minha vida, que foi o tempo pandêmico. Foi quando a gente saiu de casa e foi para a fazenda que veio essa certeza de que a gente queria realizar um projeto nosso. A

gente viu que aquele era o momento de cruzar fronteiras, de ir além, de buscar nossos próprios desejos, propósitos... Reavaliar valores. Ninguém passou incólume por aquilo. Foi uma revolução pessoal e profissional ao mesmo tempo, que me provocou muito desejo. Porque tem que ter muito desejo para fazer um filme chegar até a plateia. E no nosso caso, que começamos uma carreira brasileira e ainda vamos começar uma carreira internacional, você puxa um fôlego para durar mais tempo. Você traz uma energia maternal para o projeto.

QUAL O MAIOR DESAFIO: ATUAR, ESCREVER OU DIRIGIR?

Dira Paes - Nunca me perguntei isso. Acho que dirigir. Porque a direção tem coisas que não dependem de você. Dirigir é uma responsabilidade geral. Naquele momento, eu me sentia muito

responsável por vidas humanas, porque gravamos em dezembro de 2020. Estávamos ali, isolados naquela fazenda, para filmar. Mas ainda assim estávamos vivendo aquele momento. Foram muitos cuidados que a gente teve. Mas acho que dirigir é mais desafiador, porque depende de todos. Finalizar um longa também é desafiador. Essa questão do som, dos cuidados... É como fazer uma porcelana. Você tira o material do fogo, vai carregando com todo cuidado e não pode quebrar de jeito nenhum. São muitos sentimentos. E tem essa fase que eu estou vivendo agora, que é afinar o discurso sobre as filmagens, porque vêm perguntas que ainda não nos fizeram, como essa que você me fez agora.

QUAL A IMPORTÂNCIA DO CINEMA NA CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL?

Dira Paes - Quando entrei em contato com esse dado do tráfico de animais silvestres ser o terceiro no ranking internacional, perdendo apenas para armas e drogas, para mim, foi muito impactante. O tráfico de animais silvestres é um dilema internacional, porque existe um fetiche retrógrado do homem perante a natureza no mundo inteiro... E acho que é impossível falar em humanos sem falar de meio ambiente. As coisas estão tão intrínsecas hoje em dia. É importante falar que eu sou ativista ambiental desde os meus 13 anos, antes mesmo de eu ser atriz. Foi quando eu entendi que era da Amazônia, foi quando eu entendi tudo. Que havia muita coisa errada. Sempre fui a 'eco-chata' e sempre fui reconhecida como uma pessoa que vai a Brasília, faço parte do Movimento Humanos por Direitos há 25 anos. Eu sou ativista e tenho muito orgulho disso. Infelizmente, eu estava certa e seguimos precisando de muitos ativistas. Precisamos que as pessoas sejam sensibilizadas por suas próprias vidas e agora chegou a hora da gente ser radical nesse ponto.

'Pasárgada' está em cartaz nos principais cinemas do Brasil.

Por Pedro Sobreiro

Quem estreia 'Pasárgada' ao lado de Dira Paes é o ator Humberto Carrão, que dá vida ao mateiro Manuel. Ao CORREIO DA MANHÃ, Carrão contou mais sobre esse processo.

QUAL A IMPORTÂNCIA DE VER PASÁRGADA NO CINEMA?

Humberto Carrão - Acho legal que você tenha começado assim a conversa. Sou militante dessa causa, porque é uma loucura o que está acontecendo. Eu tenho parentes muito jovens na família e percebo que, para eles, estar em uma sala de cinema é uma experiência que tanto faz. Eles veem no celular, eles veem na televisão. E no caso de 'Pasárgada', existe não só um trabalho sonoro muito refinado, mas também os tempos alargados do filme são outros em uma sala escura com uma tela grande. Estou louco para ver e que todos vejam na tela grande.

COMO FOI 'CONSTRUIR' O MANUEL?

Humberto Carrão - O convite veio durante a pandemia, então eu estava vivendo um movimento, como reflexo da pandemia em muitas pessoas, de aproximação cada vez maior dessa vida no mato. Estava indo para a serra, tentando me conectar com o meio ambiente ali. Então foi um convite muito interessante, além de ser também uma salvação. Fui chamado para ir a uma fazenda, com toda a segurança, com todos os testes possíveis – algo que foi uma preocupação muito forte da Dira [Paes] – para fazer um filme. Mas a primeira lembrança que tive ao chegar lá foi do meu avô. Eu até falo isso no filme. Ele se chama Humberto também e era essa figura que sabia o nome de todos os passarinhos. Ele me levava para passear e saía dizendo o nome dos frutos, das árvores, e eu achava aquilo mágico. Ficava encantado mesmo. E depois, mais velho e já sem ele aqui, eu pensava nisso com uma certa vergonha, em como eu não me estava nem perto dessa sabedoria. Mas, de fato,



O Manuel de Humberto Carrão é fundamental na jornada de autodescoberta da Irene, vivida por Dira Paes

Pasárgada foi uma 'salvação'

Humberto Carrão revela como foi embarcar nesse projeto tão pessoal de Dira Paes

eu só entendi quem deveria ser o Manuel como personagem quando cheguei na fazenda. Antes de começar a filmar, nós fomos para cima e para baixo com o Ciça, o mateiro da fazenda. A gente pedia dica, perguntava mil coisas e tentava 'roubar' um pouco dele para o personagem. Porque o Ciça tem essa coisa, como muitos que a gente conhece, que é uma sabedoria monstruosa muito especial sobre o lugar. E, ao mesmo tempo, uma postura mais recatada, de olhar para baixo, que alguém pode – de forma muito ignorante – achar que é falta de confiança, vergonha ou até mesmo ignorância, mas é, na verdade, uma coisa linda que tem muito a nos ensinar. É um resguardo do seu espaço, do seu tempo e do seu olhar como observador. Então, eu queria fazer

o Manuel como uma figura desas. Não me interessava o Manuel como mateiro forte e sedutor. Tem horas que ele está mais para fora, e tem horas que ele está mais para dentro para respeitar esse espaço como observador da natureza e do mundo.

COMO FOI TER A DIRA COMO DIRETORA?

Humberto Carrão - Foi o máximo! A Dira tem muito entusiasmo. Ela é uma figura muito poderosa. E vê-la cuidando de uma equipe inteira... Não era fácil. Imagina, às vezes, tínhamos um caminho longuíssimo para ir, um caminho longuíssimo para voltar, e no meio disso tinha chuva, lama, vento e medo de raio. Era uma produção muito dependente, e organizar as pessoas que ela orga-

nizou, juntar todo mundo para se isolar em uma fazenda no meio da pandemia... Isso também faz parte do trabalho da direção. E a Dira faz isso há muitos anos como atriz. Ela sabe o que interessa e o que não interessa como artista. Era bonito ver de perto alguém descobrindo coisas novas, mas ao mesmo tempo, indo atrás do que ele queria e via para esse filme. Foi muito bonito.

VOCÊ LEVOU ALGUMA COISA DO MANUEL PARA SUA VIDA PESSOAL?

Humberto Carrão - Isso é muito bonito da profissão. Eu 'emprestei' para o Manuel o meu avô, e o filme me deu essa relação de continuar indo muito para a serra e para o mato. A Dira usa um livro sobre passarinhos no filme e me deu ele de presente. O meu está todo ano-

tado. Eu fico olhando as aves com um binóculo e quando acho um pássaro que nunca tinha visto antes, vou no livro procurar e anotar. É maluco. Eu estou muito longe do Manuel e do Ciça, mas você cria uma relação de intimidade e de interesse. É meio triste imaginar que essa figura que a gente pode ser, que eu era antes do filme, de ter uma relação de encantamento com o que está em volta, com animais e árvores, pode ter se perdido no mundo caótico de hoje.

O QUE O PÚBLICO PODE ESPERAR DE 'PASÁRGADA'?

Humberto Carrão - Eu tô louco para que esse filme chegue aos cinemas. É importantíssimo que o público vá ver na primeira semana, a gente sabe que é importante para conseguir manter o filme em cartaz, e acho que as pessoas vão ver um filme com mil caminhos bonitos. Ele fala sobre um tráfico tão violento, que é o de animais silvestres, mas também fala de mundos se encontrando, e acho que é um convite para um outro tempo. E isso é algo que, nesses tempos de redes sociais em que tudo precisa ser rápido, a gente precisa muito. É um filme que estica a corda muitas vezes e isso eu adoro.



Pelada - A hora da Gaymada

Festival Internacional de Teatro terá atrações nacionais e internacionais gratuitas

17º

Niterói em Cena

Divulgação



Tom na Fazenda

Divulgação



Ovo.Lar

Até domingo, Niterói recebe um maiores eventos de artes cênicas do país, o Niterói em Cena - Festival Internacional de Teatro, com quatro atrações do Brasil e outras quatro da Alemanha, de Moçambique, da Itália e do Peru, que ocuparão diferentes espaços do município fluminense na Mostra Peças. A Mostra Estudantil (com 75 cenas nacionais), a Mostra Cenas Curtas (com 10 cenas nacionais), a Mostra Paralela (com oito filmes em realidade virtual) e oficinas também fazem parte da programação, abrindo oportunidades a artistas iniciantes e formatos diversos. de espetáculos regionais, nacionais e internacionais gratuitos que traçam um abrangente panorama do teatro contemporâneo.

“Este é o momento em que Niterói recebe atrações que dialogam com os temas mais fundamentais na cena contemporânea. O festival dá a oportunidade de o público assistir a grandes artistas e espetáculos, que traçam um panorama do que vem sendo produzido hoje”, acrescenta o diretor do festival, Fabio Fortes.

Na Mostra Peças, estarão em cartaz os espetáculos “O Jantar Brasileiro”, da

Itália; “Dance Machines”, da Alemanha; “Ngati” (Sangue), de Moçambique; “O Figurante”, monólogo com Mateus Solano; “Antes do ano que vem”, com Mariana Xavier; “Beringela, A Grande”, coprodução entre Brasil e Peru; e os premiados “Tom na Fazenda”, idealizado por Armando Babaioff com direção de Rodrigo Portella, e “Pelada – A hora da Gaymada”, idealizado e dirigido por Orlando Caldeira. As atrações e oficinas ocorrem no Theatro Municipal de Niterói, no Teatro Popular Oscar Niemeyer, na Praça João Saldanha, em Santa Barbara, e na Biblioteca Parque de Niterói

Para completar as atrações artísticas, a Mostra Paralela trará o projeto “Estação Tecnológica”, um estande montado no foyer térreo do Teatro Popular Oscar Niemeyer, que oferecerá um cardápio com oito filmes em realidade virtual, onde o público poderá fazer a sua escolha e experimentar a imersão, com óculos de RV.

SERVIÇO

Dias: 28 e 29/9, sábado e domingo, às 11h

Local: Museu de Arte Contemporânea de Niterói

Endereço: Mirante da Boa Viagem, s/nº - Boa Viagem, Niterói

Ao ar livre

Duração: 40 min

Entrada gratuita

CRÍTICA / TEATRO / A SALA BRANCA

Uma tábula rasa

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

Locke, no século 17, nos apresenta o conceito de o sujeito ser uma tábula rasa, ao nascer sem conhecimento algum (com a mente se comparando a uma folha em branco, ou uma tábula rasa), e todo o processo do conhecer, tanto do saber quanto do agir, é desenvolvido através da experiência. Como se a consciência fosse desprovida de qualquer tipo de conhecimento inato.

A Sala Branca de Josep Maria Miró, o super premiado autor catalão, com direção de Gustavo Wabner, traduzida por Daniel Dias da Silva, usa como metáfora a relação de crianças, em



Wesley Sabino

Sala Branca mostra a perda da inocência

suas primeiras letras, em uma sala na qual podem imprimir seus desenhos e as suas relações com o ambiente. O fio da história é o reencontro de 3 alunos com a professora que, como um super ego, lhes mostra as relações conflituosas que tiveram com um colega que era vítima de bullying por ser considerado homossexual que, provavelmente, se suicidou aos 15 anos.

O elenco formado por Daniel Dias da Silva, Angela Rebello, Isabel Cavalcanti e Sávio Moll com ótimas atuações, pois cada um é ca-

paz de dar o necessário tom ao personagem. Culpados, confusos em seus sentimentos são revelados pela condução da professora.

A direção de Gustavo guia os diálogos, alguns ríspidos, outros repletos de perplexidade em que cada personagem pode olhar para si próprio, rever a infância. Essa linha tênue é bem desenvolvida pela movimentação corporal, pela voz e pela interpretação de Angela, a professora, que vai orquestrando e provocando o crescendo dos sentimentos dos personagens.

Mas o que torna a peça um experiência fascinante é o papel de Isabel Cavalcanti, o alter ego da visão do autor sobre a capacidade da arte. Ela está grávida, mãe solo, mais madura e fascinada com a sua missão na maternidade: ter um filho que perceba o mundo. Escritora que é capaz de criar textos, mas reescrever o ambiente.

As músicas escolhidas por Gustavo, Sinal fechado na abertura e Gracias a la vida com Violeta Parra, mostram o delicado trajeto de a pessoa se inscrever na vida, essa inscrição ser “incorreta” aos padrões e incapaz de superar isso acaba por morrer.

SERVIÇO

Até 20 de outubro de 2024

Dias e horário: de quinta a domingo, às 19h | Não há apresentação entre os dias 3 e 6/10 devido às eleições municipais

Local: Sala Multiuso do Sesc

Copacabana | Ingressos: R\$ 7,50 (credencial plena Sesc), R\$ 15 (meia), R\$ 30 (inteira) e gratuito (público cadastrado no PCC)

Informações: (21) 2547-0156

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

O palhaço que é

A Eslipa, escola de palhaços e palhaças, apresenta Circo da Julieta, 28, e Vermelho, Branco e Preto, 29, às 16h, no Largo do Machado. Circo da Julieta é uma homenagem a Julieta Hernandez, a palhaça Jujuba, da turma da Eslipa de 2017, sob a orientação dos mestres Cibele Mateus e Martello. Vermelho, Branco e Preto, com a brincante, dançarina, atriz e educadora social Cibele Mateus, é um solo criado a partir de um estudo cênico da Cia. Mundu Rodá, da figura cômica Mateus, personagem afrodiáspórica nas tradições afroindígenas brasileiras.

Daniel Sant'Anna



Divulgação

Encontros e desencontros

Em nome do filho, de Guilherme DelRio, indicada ao Prêmio Papo mix da diversidade 2018, como melhor espetáculo com temática LGBTQIA+, está com sessões aos sábados no Cine Teatro Joia. É uma comédia de erros, encontros e desencontros. O espetáculo também apresenta performances musicais, cômicas e sensuais. A montagem lembra, em seus melhores momentos, o universo do cineasta Pedro Almodóvar ao falar sobre a diversidade sexual colocando uma luz sobre esse tema tão sem deixar de tocar em pontos importantes desta, tudo de forma divertida e leve.

Karen Eppinghaus



Salve os erês

A “Grande Companhia Brasileira de Mistérios e Novidades” promove, hoje, a “Ibejada de Cosme, Damião e Doum” na Gamboa, bairro da Região Portuária, às 16h, acontece a livre adaptação cênica de Teia das Águas, espetáculo do Teatro Azul. Com saída às 18h da Casa de Mistérios (Rua Pedro Ernesto 21) o cortejo vai até a Praça da Harmonia, onde haverá cantorias, danças e a entrega de oferendas de doces pelas mãos dos santos Cosme, Damião e Doum. “Vamos celebrar os santos na nossa sede da Arte Pública – avisa a diretora artística Ligia Veiga.

Show acontece em comemoração aos 219 anos do município de São Paulo

Banda Yahoo

é atração do Festival Flashback Ilhabela 2024

Em turnê comemorativa dos seus 35 anos pelo Brasil, a banda Yahoo é uma das atrações do Festival Flashback Ilhabela 2024, em São Paulo, no dia 27 de setembro (sexta), um evento já tradicional na cidade que encerra em grande estilo as comemorações dos 219 anos no município. A apresentação vai acontecer no Centro Cultural da Vila, a partir das 22 horas.

Considerado a banda de rock mais romântica do Brasil, o Yahoo vai desfilar seus clássicos: “Mordida de Amor”, “Anjo”, “Caminhos de Sol”, “Hey Jude”, todos temas de novela da TV Globo, entre outras canções que fizeram e fazem parte da trilha sonora do Brasil das últimas três décadas. Durante o tempo todo, é impossível ficar parado e não acompanhar, de corpo inteiro, os



Divulgação

Em 2024, a banda lança o primeiro álbum autoral em dez anos

sucessos da banda, que se transformaram em hits nacionais, em quase duas horas de ação.

Com os fundadores Zé Hen-

rique (voz e baixo) e Marcelão (bateria e percussão), e os virtuosos Rodrigo Novaes (guitarra e vocal), Léo Mendes

(teclados, violão e vocal) e Diogo Macedo (bateria), o palco sempre será a casa da banda. O novo álbum *O Agora é Real*,

com onze canções inéditas, traz participações de grandes parceiros e amigos.

Em maio deste ano, o Yahoo lançou o primeiro single do disco, “Entre o Espinho e a Flor”, uma composição em parceria inédita com o hitmaker Paulo Massadas. Em julho, foi a vez do segundo single, “Lunático”, parceria inédita com o compositor sueco Jonas Myrin (Barbra Streisand, Celine Dion, Andrea Bocelli), chegar às plataformas digitais, e no final de agosto, de “Sorte no Amor, parceria com o astro Paulo Ricardo. Agora, em 3 de outubro, vai ser a vez de chegar ao mercado uma nova versão do clássico “Caminhos de Sol”, celebrando os 30 anos da icônica canção lançada em 1994, uma parceria superespecial do Yahoo com a dupla Marcos & Belutti.

SERVIÇO

Yahoo no Festival Flashback Ilhabela 2024

Data: 27 de setembro (sexta)

Horário: 22h

Local: Rua da Padroeira, 174, Vila, Centro. Ilhabela (SP)

Entrada: Gratuita

CRÍTICA / DISCO / APRENDI COM DONATO

Por Aquiles Rique Reis*

Gilson Peranzzetta tem um piano elegante

O pianista, compositor, arranjador e maestro Gilson Peranzzetta está lançando *Aprendi com Donato* (Mills Records), uma homenagem ao saudoso João Donato, com quem já dividiu palcos e gravações. Para tanto, Peranzzetta convidou instrumentistas virtuosos e, ao seu piano, juntou a bateria de João Cortez e os baixos acústicos e elétricos de três contrabaixistas que se revezaram para tocar com ele: Alexandre Cavallo, Zeca Assumpção e Didier Fernan, além da participação especial de Mauro Senise (sax alto e flauta). Criou também arranjos para canções que distinguiram a carreira de Donato. O repertório é uma extraordinária amostra da genialidade de João Donato. Eis algumas músicas.

“Aprendi Com Donato” (Gil-

son Peranzzetta): o piano inicia. Logo vem o sax alto. A bateria de Cortez pulsa. A delicadeza da melodia prevalece. O suingue ajusta a pegada com o baixo acústico (Alexandre Cavallo). O piano improvisa num intermezzo com o DNA de Gilson. Pinta o sax alto, encorpado, puxando o improvisado para si, e é como se “chorasse” – o som de Senise é raro.

“Emorió” (João Donato e Gilberto Gil): bateria, piano e baixo acústico (Didier Fernan) dão conta do recado. Simplicidade é mais, é tudo de belo, inclusive pela consciência musical de Gilson, pois seus arranjos revelam empatia com a



Reprodução

obra de Donato. O suingue impera.

“A Paz” (João Donato e Gilberto Gil): o piano toca a intro e vai à melodia. Cortez toca a bateria levemente. O baixo acústico (Zeca Assumpção) segura as pontas. O arranjo é lindo. O intermezzo do

piano antecede a volta da melodia, que nos induz a cantar a letra de Gil.

“Simples Carinho” (João Donato e Abel Silva): bela música com letra inspirada do Abel. O trio a tudo engrandece, revelando a capacidade que tem Donato de criar belezas como se fosse fácil. Gilson fez um arranjo sem prosopopeias desnecessárias, que nada acrescentariam.

“A Rã” (João Donato e Caetano Veloso): o balanço da música pulsa no piano, acende na bateria e pontifica no baixo acústico (Zeca Assumpção). O arranjo de Peranzzetta tem levada sagaz. Novamente o piano sola a melodia, permitindo

que se cantarole os versos.

“Até Quem Sabe” (João Donato e Lysias Enio): Donato e seu irmão Lysias Enio compuseram a canção, um clássico da música brasileira. Desde a intro, o piano se mostra irrepreensível, com destaque para a harmonia de Peranzzetta. A reverência paira no ar, mas sem descuidar de criar detalhes que embelezem ainda mais a obra de Donato.

“Valsa” (João Donato): obra inédita de João Donato, dos anos 1970, quando ele vivia nos Estados Unidos. A flauta toca a intro. Logo a tampa vai fechando devagar, como se não quisesse acabar, querendo prolongar a sensação causada durante toda a audição de um trabalho feito por instrumentistas que sabem o valor de seu ofício para a vida de quem os ouve.

*Vocalista do MPB4 e escritor



Depois que acendi a porta e abri a luz, entrei para dentro da casa, avancei para frente e a vi com meus próprios olhos. Lá estava ela no alto da escada. Com meus pés pisei o primeiro degrau e subi para cima, ao mesmo tempo em que ela descia para baixo e nos encontramos na metade do meio; a ideia era formar um elo de ligação de certezas absolutas e indubitáveis.

De seus olhos rolaram lágrimas como o mar salgado, quando nos encaramos de frente. Juntamente com ela saí para fora da casa e formamos duas metades exatamente iguais. Tínhamos vontade de gritar bem alto e bater palmas com as mãos, pois a saudade brotava da terra como uma hemorragia de sangue, gotejava do alto... Ambos os dois, tínhamos adiado demais para depois este reencontro, pois não conseguimos antecipar para antes.

Havia a possibilidade de poder ocorrer uma renúncia, ao retornar de novo, ser rejeitando e enfeitado em desacolhimento. Ela sempre teve a propriedade característica de ser demasiadamente excessiva em seu critério pessoal e em sua opinião pessoal, capaz de exceder em muito seu desprezo averso. Havia, pairando no ar, uma sensação de que: “Um dia, quem sabe, você vai pensar direito...”, — digo-te isto só a ti em um acabamento final — “...vai me pedir perdão”.

Nosso último e derradeiro encontro havia sido há anos atrás numa festa de São João; ali nos conhecemos pela primeira vez e percebemos imediatamente depressa que formaríamos uma dupla de dois. Todos os sintomas eram indicativos que assim seria e, em cada detalhe minucioso, não haveria outra alternativa: estávamos fadados a conviver juntos.

Nos festejos juninos, acontecidos em julho, ao som de um bolero cossaco, amanhecia o dia em nossas vidas, éramos a razão do porquê. No meio daquela multidão de pessoas só havia ‘nós’.

Todos foram unânimes, um consenso geral: aquele relacionamento só traria superávits positivos, era uma surpresa inesperada, uma criação nova, protagonista principal. Não era uma alternativa opcional, planejada antecipadamente e sim a versão de nossa livre escolha, a abertura inaugural que continuaria a permanecer para sempre, nossa última versão definitiva, ganhávamos gratuitamente uma poção mágica do amor, trazida pelo Cupido.

Conclusão final: esta é uma história baseada em fatos realíssimos e, como diria Odorico Paraguassú: “O Rio é uma cidade pleonástica e tautológica”.



Redundâncias, **nada mais**



Rodrigo Galvão



Cine-Botequim-2

Divulgação



Teva

Por **Natasha Sobrinho**

Especial para o Correio da Manhã

É celebrado no dia 1º de outubro, o Dia Mundial do Vegetarianismo, alimentação sem qualquer tipo de consumo de produtos de origem animal. O movimento vem ganhando cada vez mais adeptos pelo desejo de um estilo de vida mais saudável, com uma alimentação que se baseia em ingredientes de origem vegetal, como cereais, legumes, frutas, sementes e cogumelos. Isso se reflete também na quantidade de novos restaurantes com cardápio sem proteína animal e no aumento de opções vegetarianas nos menus convencionais. Em homenagem a data, o Correio da Manhã fez um roteiro com pratos saborosos para aproveitar o dia. Confira abaixo:

CANTÓN – No restaurante de comida chifa, em Copacabana, é possível encontrar opções de pratos vegetarianos. Entre as sugestões está o Lâmen de Tofu e Fansi (R\$62) feito com caldo de legumes, tofu, repolho, ovo batido, fungo preto chine, macarrão fansi e pimenta guillin e o Mopu Tofu (R\$ 72) feito com tofu com shitake ao molho apimentado e cebolinha e acompanhado de arroz frito cantón. Endereço: Rua



Cantón

Dia Mundial do Vegetarianismo

Nay Dias



Hocus Pocus DNA

Rodolfo Dantas, 26 – Copacabana. Telefone: (21) 3594-0002.

CASA MOHAMED – No restaurante árabe, em Ipanema, o quibe ganhou uma versão vegetariana. assado com babaganoush (R\$ 33). Endereço: Rua Vinicius de Moraes, 149 – Ipanema. Telefone: (21) 3435-4977.

CINE BOTEQUIM 2 – A casa, no Maracanã, tem opções vegetarianas para almoço, como o Feijão Xuxa: feijão branco com legumes variados (cenoura, berinjela, abobrinha, couve e abóbora), arroz branco

Divulgação



Casa Mohamed

Divulgação



Zazá Bristô

Divulgação

Veja um roteiro com boas opções de pratos para aproveitar a data



Pato com Laranja

e banana da terra (R\$ 109,90 – 3 pessoas ou R\$ 39,90 - individual). Endereço: Rua Dona Zulmira, 111 – Maracanã. Telefone: (21) 2253-1414.

HOCUS POCUS DNA - Nem só de cerveja se vive a casa, é possível encontrar vários petiscos e sanduíches vegetarianos, e também pratos de almoço. Entre as opções estão: a Coxinha não é nada tradicional, feita de Falafel (R\$28- 4 unidades), o Burrito de Cogumelos (R\$38), com cogumelos shiitake e Paris, salteados com ervas frescas, shoyu e tonkatsu, guacamole, alface americana,

Bruno de Lima

cenoura e amendoim picado, envoltos no pão folha ou o Kibe de Abóbora com ricota (R\$36), acompanhado de legumes e farofa de ervas com parmesão. Endereço: Rua Dezenove de Fevereiro, 186, Botafogo. Telefone: (21) 3841-6554.

PATO COM LARANJA – Uma das sugestões de yakisobas oferecidas na casa é a versão vegetariana com legumes (R\$ 59). Ele é feito com massa udon e leva molho tonkatsu, tofu, legumes refogados, nirá e gengibre. Endereço: Rua Dias Ferreira, 410 – Leblon. Telefone: (21) 96777-0022.

TEVA – O premiado restaurante e bar de vegetais, em Ipanema, está com novidades no cardápio. Entre as opções está o escalope à piemontese (R\$ 78) com seitan empanado e frito ao molho demi-glace, cogumelos Paris, arroz Altitude à piemontese, creme de castanha, muçarela Basi.co e batata frita. Endereço: Av. Henrique Dumont 110B -, Ipanema. Telefone: (21) 3253-1355.

ZAZÁ BISTRÔ – Uma das opções do menu da casa é o nhoque vegetariano (R\$ 75). Ele é feito com batata doce roxa, molho de tomate, cogumelos e queijo grana padano. Endereço: Rua Joana Angélica, 40 – Ipanema. Telefone: (21) 99530-7173.

A “dança das águas”

Companhia Corpus Entre Mundos fala de preservação ambiental e ancestralidade

Por Mayariane Castro

A Companhia de Dança Afro Contemporânea Corpus Entre Mundos estreou o seu 11º espetáculo, “Memórias da Água”, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) Brasília por um período de duas semanas no mês de setembro. Agora, o espetáculo circulará nas regiões administrativas do Distrito Federal. Com uma mistura de dança, música e narrativa, a nova obra mergulha nas profundezas da memória e da ancestralidade, trazendo consigo histórias e tradições ligadas à água para envolver o público.

A Companhia Corpus Entre Mundos promete transportar o público para uma jornada sensorial, onde cada movimento e som refletem a riqueza das culturas



Divulgação

Espectáculo sugere conexão com a água e tradições

De Angola para o planeta

Espectáculo fala da importância da água a partir das raízes africanas

O bailarino e coreógrafo angolano Dilo Paulo ainda acrescenta como a obra serve de ponte para intensificar e esclarecer ainda mais as raízes que ligam o Brasil a Angola, seu país de origem. Ele fala sobre o uso de referências de religiões de matrizes africanas no espetáculo que possuem paralelos dentro da cultura angolana em forma de celebração.

“Um dos exemplos do espetáculo é a figura de Iemanjá, que é muito celebrada no Brasil.

Lá em Angola, temos uma celebração de uma divindade que é a representação dela. Dentro do espetáculo, trazemos com os nossos corpos as Quedas de Calandula, que fica no país e é considerada uma das sete maravilhas do mundo. É uma grande cachoeira que a cultura local diz que é um grande portal que conecta os seres humanos com o lado espiritual”.

Os bailarinos comentam que a representação feminina nas obras é muito forte e impactan-



Divulgação

Dilo Paulo conecta Angola e Brasil

te. O espetáculo possui uma figura feminina, representada em cena por Lenna, que de certa forma conduz o andamento da apresentação.

As coreografias são todas interligadas e não há pausas, a música é editada de forma contínua e o palco nunca está vazio, com algum dos integrantes em cena para composição.

Ao público

Como parte integrante da experiência artística de um novo espetáculo, a companhia ofereceu oficina gratuita aos participantes que possuíam interesse para que eles pudessem ter uma experiência única e imersiva, conduzida pelos diretores e bailarinos da companhia. Eles compartilharam seu conhecimento e

africanas e afro-brasileiras. O espetáculo celebra a conexão profunda entre o ser humano e a água, mergulhando nas profundezas da memória, da ancestralidade e tradições ligadas a esse elemento vital.

Os diretores e idealizadores da companhia Dilo Paulo e Lenna Siqueira explicam que o espetáculo vem de uma fusão entre o Brasil e Angola, e a ligação da ancestralidade com o próprio corpo. “A gente fala da nossa sobrevivência, a gente vem falando do mundo em si. É um espetáculo que fala da nossa secularidade, o que a gente precisa para manter o corpo, entender como a gente funciona”, declarou Lenna.

A primeira região administrativa escolhida foi Planaltina, a cidade mais antiga do DF, durante a III Mostra de Dança da cidade.

paixão pela dança afro-contemporânea.

A oficina teve aquecimento baseado em técnicas de dança, apresentação das bases rítmicas e dos princípios fundamentais do movimento, e compartilhamento de sequências coreográficas do espetáculo “Memórias da Água”. Para finalizar, os diretores compartilharam insights sobre o processo criativo do espetáculo, sobre a inspiração, os desafios e a mensagem que desejam transmitir.

O artista e integrante da companhia Gabriel Rosa conta que ele busca criar uma conexão profunda com o público. “Eu quero mexer com a água das pessoas. Eu quero que as pessoas tenham saído desse espetáculo pensando nisso, pensando em como aquela obra mexeu com ela internamente. Nós somos feitos de muita água e eu quero mexer com o interno das pessoas”, disse o bailarino.

TEATRO**O que só sabemos juntos**

*Primeiro encontro nos palcos do ator Tony Ramos e da atriz Denise Fraga, O QUE SÓ SABEMOS JUNTOS é um chamado urgente. Uma convocação para que cada pessoa saia de sua bolha de isolamento e seja capaz de, genuinamente, se colocar no lugar do outro, sentir suas dores e compreender suas angústias, mas também suas alegrias, transformações e conquistas. Em Brasília, as sessões acontecem até sábado, 28 de setembro, na Sala Planalto, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães. Ingressos a partir de R\$ 20,00 (meia-entrada) e R\$ 40 (inteira)/ Classificação 12 anos.

Diretoras da ATA

*Após sucesso de público com o espetáculo "Se eu Fosse Eu- Clarices", com Camila Guerra, Juliana Drummond e Rosanna Viegas – todas da Agrupação Teatral Amacaca-, as atrizes retornam à cena agora para oferecer uma oficina gratuita com foco em mulheres, adolescentes e, em especial, pessoas em situação de risco ou vulnerabilidade social. A frente estará a diretora e atriz Ju Drummond. No total, serão 12 horas/ aulas no Espaço Pé Direito da Vila Telebrasilândia hoje (27), das 14h às 18h. Investimento: gratuito

Espectáculo "Opostos?"

*Em cena, um casal de músicos apresenta seu show com um repertório que traz à tona temáticas como apego, ciúmes, traição, violência e a incomunicabilidade nas relações. O teatro e a música se entrelaçam em cenas curtas que buscam, por meio do riso, um olhar mais atento para questões cotidianas veladas. A Cia. Teatral Escambo voltou em 2024 com o espetáculo "Opostos?", uma obra que foi construída nas ruas pela companhia de Sobradinho que conta com quase 15 anos de existência. Sábado, 28 de setembro, às 10h e 17h, na Praça Seu Teodoro de Sobradinho 1

Teatro de animação

*O projeto Bonecos em Cena, aprovado pelo Edital FAC 2022, levará arte, cultura e educação às comunidades rurais do Distrito Federal. A iniciativa realizará uma Mostra de Espetáculos com grupos de teatro de animação no Espaço Cultu-



O que só sabemos juntos, com Denise Fraga e Tony Ramos

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Diego Bresani



Diretoras da ATA – Agrupação Teatral AMACACA

ral Cia. Cidade dos Bonecos, localizado na Ponte Alta do Gama, além de circular o espetáculo "A Flor do Sertão" por escolas e entidades sociais. Acontece nos dias: 8, 10, 22, 29 e 31 de outubro, nos Centros de ensino rurais do DF: Cose S. Oeste, E.C 21, E.C 28, C.E Especial e E.C 29. Entrada: Gratuita.

SHOW**Cia de Cantores Líricos**

*O compositor austríaco Josef Anton Bruckner (1824- 1896) virou eterno por suas sinfonias, missas, muitas consideradas emblemáticas no estágio final do romantismo austro-germânico por conta da rica linguagem harmônica em formato polifônico. E com 14 anos de história, dez de trabalhos interruptos,

Divulgação



Exposição do grafiteiro Rodolfo Caburé

Divulgação



Arte Urbana nas Escolas visita duas escolas

Divulgação



Pílulas do Porão do Rock:

a Cia de Cantores Líricos de Brasília vai homenagear os 200 anos de história do compositor na capital federal. O projeto de manutenção da Cia de Cantores Líricos acontece nos dias 5 e 6 de outubro, sempre às 19h, no Teatro da Escola de Música de Brasília (602 Sul). Entrada gratuita.

Pílulas do Porão do Rock

*Com uma edição eletrizante, está de volta o Pílulas do Porão do Rock em Brasília. O festival acontece neste final de semana no dia 28 de setembro, sábado, às 20h, e tem como palco o histórico Toinha Brasil Show. Conta com a presença do nome internacional da banda Hybrid Theory e nomes locais para garantir o sucesso do evento. Ingressos a partir de 125,00R\$/ Classificação: 18 anos.

Beatriz Braga



Mostra Pareia reúne artistas e comunicadores

Divulgação



Exposição “...minhas sombras são...”

Fora do Eixo

*O Complexo Fora do Eixo é o point perfeito para os brasilienses que buscam diversão no fim de semana. Com uma programação especial, a casa aposta em uma mistura de shows de artistas aclamados pelo público como Benzadeus, Doze por Oito e Largo Tudo. As apresentações acontecem a partir desta sexta (27) no SAAN. Ingressos estão a partir de 20,00R\$/ Classificação: 18 anos.

Quarteto Bruno Manguiera

*O que compositores geniais como Milton Nascimento, Egberto Gismonti, Dori Caymmi, Stevie Wonder e Lupicínio Rodrigues têm em comum é o que o público pode descobrir hoje (27), ao assistir a uma apresentação gratuita

no CTJ Hall. No palco, guitarrista Bruno Manguiera, músico com atuação nacional e internacional que já se apresentou e gravou ao lado de artistas como Zizi Possi, Leila Pinheiro, Toninho Horta, Nelson Ayres, Filó Machado, Gilson Peranzetta e Nailor Proveta. Acontece no CTJ Hall da Casa Thomas Jefferson da 706/906 Sul.

PROJETO

Arte Urbana em CEI

*Em continuidade à 5ª edição do projeto, o Arte Urbana nas Escolas visita duas escolas hoje (27) e em 10 outubro, levando atividades e aprendizado a crianças e jovens da CEF 04 (Ceilândia Sul) e CEF 18 (P. Sul/Ceilândia). Constituído por shows de rap e crew de breaking e workshops de graffiti, danças urbanas e rap, a iniciativa também destaca rodas de conversa.

EXPOSIÇÃO

Grafiteiro Rodolfo Caburé

*De 1 a 12 de outubro, o Boulevard Shopping apresenta a exposição Lazúli, do artista grafiteiro Caburé. Localizada no Piso 2, a mostra acontece com cerca de 13 obras, incluindo quadros e objetos personalizados.

Mostra Pareia reúne artistas

*No dia 05 de outubro, sábado, o Espaço Cultural Renato Russo irá sediar a primeira edição da Mostra Pareia - Culturas Populares e Comunicação. O evento reunirá diversos artistas e comunicadores culturais do Distrito Federal e de Goiás para dialogar sobre as intersecções entre cultura, tradição oral e comunicação. A mostra integra conferência com rodas de prosa, palestra sobre acessibilidade, exposição fotográfica e apresentações de mamulengo, samba de coco, capoeira angola e samba de roda. A entrada é franca.

“...minhas sombras são...”

*A Casa Aerada Varjão, um dos espaços culturais mais novos e charmosos do DF, recebe até domingo(29) com entrada franca, a exposição “...minhas sombras são...”, da artista plástica Terezinha Losada. São seis pinturas e 30 desenhos, da produção recente da artista, sob a curadoria de Renata Azambuja. Segundo a curadora, nesta exposição, veremos sua produção desdobrada em quatro séries.

Cinema gratuito no DF

Cineclube Vale do Amanhecer promove sessões de filmes em Planaltina

Agência Brasília

Por Mayariane Castro

No dia 28 de setembro, o Cineclube Vale do Amanhecer realizará sessões de cinema gratuitas na Escola Classe Rural Pedra Fundamental, localizada na Chácara Largo da Pedra Fundamental, em Brasília. As exhibições ocorrerão às 10h e às 16h, com entrada livre e distribuição de pipoca para os participantes. O projeto tem como objetivo democratizar o acesso à sétima arte em comunidades periféricas de Planaltina, no Distrito Federal.

O cineclube atende a diversas localidades, incluindo Quintas do Amanhecer, Morada Nobre, Pequeno Willian e o próprio Vale do Amanhecer.

De acordo com a cineasta Maria do Socorro Carneiro, conhecida

como Maria do Cerrado e diretora do documentário “Delfini Brasília, Olhar Operário”, a iniciativa é importante, pois permite que moradores de regiões afastadas tenham acesso ao cinema, uma vez que as salas comerciais estão distantes, localizadas no Plano Piloto e em Taguatinga.

Documentário

O documentário “Delfini Brasília, Olhar Operário” é um dos destaques da programação.

A obra apresenta relatos históricos sobre a construção de Brasília, com depoimentos de pioneiros que vivenciaram esse período.

O filme, que já foi premiado no Festival Brasília do Cinema Brasileiro e solicitado por instituições de ensino, é voltado para todas as idades, com linguagem acessível.



O Vale do Amanhecer, em Planaltina

O primeiro desenho do Mickey

O curta “Steamboat Willie” está na programação do cineclube

Além do documentário, será exibido o clássico de animação “Steamboat Willie”, que marca a estreia de Mickey e Minnie Mouse. Este curta-metragem de Walt Disney é reconhecido por ser um dos primeiros a utilizar som sincronizado, apresentando Mickey em situações cômicas a bordo de um barco a vapor.

O Cineclube Vale do Amanhecer é uma iniciativa que conta com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC) e é realizado

em parceria com a Secretaria de Cultura e Economia Criativa. O projeto busca promover o enriquecimento cultural e social das comunidades, estimulando o pensamento crítico e a apreciação artística por meio do cinema.

As sessões são realizadas em espaços públicos, criando um ambiente que remete ao cinema tradicional. Com a máquina de pipoca e o aroma característico, o cineclube pretende oferecer uma experiência cinematográfica autêntica para os participan-



Cena de “Delfini Brasília, Olhar Operário”

tes. A programação é divulgada nas redes sociais, permitindo que a comunidade acompanhe as próximas exhibições e eventos relacionados.

As atividades do Cineclube Vale do Amanhecer refletem um esforço contínuo para levar cultura e entretenimento a populações que, de outra forma, teriam poucas oportunidades de acesso

ao cinema. A ação visa não apenas entreter, mas também formar e informar, contribuindo para o desenvolvimento cultural das comunidades atendidas.

A expectativa para o dia 28 de setembro é que os moradores compareçam em peso às sessões, aproveitando a oportunidade de assistir a filmes de qualidade em um ambiente acessível e

acolhedor. O Cineclube Vale do Amanhecer se estabelece, assim, como um ponto de encontro cultural, promovendo o fortalecimento dos laços comunitários e a valorização da arte cinematográfica em regiões menos favorecidas do Distrito Federal.

Felicidade

Para a estudante e atendente de caixa Ana Vitória, a iniciativa é um presente necessário para uma comunidade carente de instrumentos culturais. Ela explica que o local ainda é deficiente deste tipo de manifestação cultural e de programas acessível para a sociedade para que eles possam estar presentes.

“Estamos preocupados em sobreviver, trabalhar e trazer sustento para dentro de casa. O que é algo simples para algumas pessoas, como o ingresso de um cinema no shopping, para nós é o dinheiro que compra dois sacos de feijão, que compra um pedaço de carne”.

Divulgação

Correio da Manhã

Brasília, Sexta-feira, 27 a domingo, 29 de Setembro de 2024 - Ano CXXIII - Nº 24.613

Espectáculo com
Tony Ramos e
Denise Fraga



PÁGINA 8

De Angola
ao Brasil, a
dança das águas



PÁGINA 5

Brasília e Mickey:
cinema de graça
em Planaltina



PÁGINA 16

2.º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Enquanto em Cannes tudo subiu - da passagem do ônibus à casquinha de sorvete com sabor de chiclete - e em Berlim as barracas de salsichão salgam o custo do chucrute, San Sebastián segue com pechinchas na comida (os pintxos, seus acepipes feitos de crustáceos, queijos e presunto) e no transporte público. Isso facilita a visita de turistas para prestigiar seu festival anual. Criada em 1953, a maratona cinematográfica de Donostia (nome da cidade espanhola em basco) fez de sua 72ª edição, que termina amanhã, um estudo sobre a finitude. Múltiplos longas-metragens retratavam o luto. Por todas as suas seções, a se destacar a competição oficial pela Concha de Ouro, a Morte rondou as telas, como tema central de achados como “Le Dernier Souffle”, uma aula de roteiro do papa do thriller político, Costa-Gavras.

Aos 91 anos, ele assinou o momento mais lírico da corrida aos troféus principais do evento com a saga de um médico (Kad Merad) e um escritor (Denis Podalydés) que colhem relatos de doentes terminais às vésperas de partir. Charlotte Rampling vive uma das pessoas que se encontram a caminho de desencarnar, momento que o artesão franco-grego chama de “futuro”. Tão forte (e belo)



Le Dernier Souffle marca a volta de Costa-Gavras à direção abrindo um debate filosófico

Cerimônia do adeus

Competição pela Concha de Ouro em San Sebastián chega ao fim neste sábado

quanto esse relato do diretor de “Z” (1969) foi a Comédia Humana dirigida pelo octogenário Mike Leigh, da Inglaterra, de olho na rotina de uma família suburbana (e seus satélites afetivos) cuja liderança feminina cabe a uma mulher irascível, zangada, sem papas na língua, mas apaixonante: Pansy. Nenhum personagem brilhou mais nas telonas do Kur-

saal e do Principal (salas de exibição mais volumosas de San Sebastián) do que essa figura vivida por Mariane Jean-Baptiste em “Hard Truths”. Dos 16 competidores, o novo longa de Leigh (ganhador da Palma de Ouro de 1996 com “Segredos e Mentiras”, também com Mariane) foi o que mais teve aplauso. Virou o xodó local.

Não se sabe se toda a badalação em torno de Leigh e de Costa-Gavras vai comover o júri, cuja presidência ficou a cargo da diretora basca Jaione Camborda (vencedora da edição passada com “O Corno do Centeio”). Seu time de juradas/os reúne a jornalista e escritora argentina Leila Guerriero, o ator e diretor americano Fran Kranz, a produtora francesa Carole Scotta e os cineastas Christos Nikou (da Grécia) e Ulrich Seidl (da Áustria).

Continua nas páginas 2 a 7

SSIFF